

A LITERATURA COMO PRÁTICA DE AUTOCONHECIMENTO E AUTONOMIA: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE LETRAS

Rariane Cordeiro da Silva¹; Orientadora: Cristiane Agnes Stolet Correia²

¹Monteiro - Paraíba, Brasil, Estudante de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba,

rarianes.silva@aluno.uepb.edu.br

²Monteiro - Paraíba, Brasil, Doutora em Letras - Ciência da Literatura (UFRJ), Professora Associada no curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba,

cristianeagnes@servidor.uepb.edu.br

Resumo

Este estudo explora a investigação da literatura como prática de autoconhecimento e autonomia, partindo do pressuposto que o pesquisador, ao investigar, constrói a própria identidade acadêmica e pessoal. A escrita acadêmica, tradicionalmente pautada pela neutralidade, muitas vezes entra em tensão com a subjetividade do estudante-pesquisador. Diante desta proposta surge a necessidade de observar a experiência acadêmica, frequentemente marcada pelo distanciamento do sujeito. Sob esta perspectiva, se estabelece um diálogo entre a literatura de Rosa Montero (2003), especificamente a obra *La Loca de la Casa*, e os conceitos de individuação, persona e sombra de Carl Jung (2016). O artigo examina como o ato de narrar a jornada da escrita é importante para contribuir e contar a própria história através da integração entre o racional e o emocional. O critério desta pesquisa reúne uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica com análise literária de Rosa Montero, sob o aporte teórico de Carl Jung. O método integra ainda a perspectiva de se alinhar a experiência literária com o (auto)biográfico, considerando as vivências da proponente do presente artigo, enquanto estudante de Letras, nos lugares de leitora e escritora. Conclui-se que a relevância desse processo indica que o registro de si é um meio de humanização do fazer científico, reduzindo o esgotamento emocional e transformando um mero reprodutor de teoria em protagonista de aprendizagem em um processo lento de entendimento que ajuda a ter confiança no que produz. E o estudante estabelece o exercício da escrita pessoal, na própria identidade profissional com consciência crítica.

Palavras-chave: Literatura, Escrita Acadêmica, Autobiografia, Experiência, Formação Identitária.

Introdução

A pesquisa acadêmica tradicionalmente preza pela neutralidade, fundamentando-se no distanciamento entre pesquisador e seu objeto. Entendemos, entretanto, que a escrita não é apenas um exercício acadêmico, mas um processo visceral de subjetividade. A trajetória no curso de Letras Espanhol impõe o desafio de converter as próprias vivências em narrativa. É algo que vai além de uma língua, mas a reconstrução da identidade através dela. Nesse cenário, a pesquisa (auto)biográfica emerge consigo como uma prática de autoconhecimento essencial na escrita. Conforme a perspectiva de Rosa Montero (2003), escrever deixa de ser uma tarefa e passa a ser uma ferramenta para colocar ordem no caos da existência e experiência de compreender quem somos a partir do que escrevemos, não se limitando a apenas um registro acadêmico, mas também se transforma em uma forma de sobrevivência e interpretação do mundo.

Defendemos, portanto, a necessidade de se engajar no contexto acadêmico também formas de narrar a própria existência, acreditando que esse procedimento contribuirá para o amadurecimento pessoal e profissional. Esse processo de identidade científica e pessoal traz o ato de narrar o entendimento do que foi trabalhado na continuação da construção e elaboração da pesquisa, permitindo que o sujeito entenda a própria trajetória de aprendizagem nos sentidos atribuídos na sua prática. Escrever o processo de criação acadêmica é confrontar o medo de errar, arriscando em escrever no que mais atrai, assim, quanto mais desenvolver a escrita, menor será a insegurança.

A problematização aqui é atribuída à dificuldade de integrar a subjetividade do pesquisador no método científico sem perder qualquer profundidade reflexiva para poder se manter equilibrado o racional e o emocional, já que o registro de si pode transformar o estudante de Letras de um mero espectador a um sujeito crítico de sua própria jornada. A pesquisa (auto)biográfica descreve que os instrumentos podem ser através de diários de formação, memórias acadêmicas ou narrativas de aprendizagem para dar ênfase na busca por identidade.

O objetivo desta pesquisa é a análise do ato de escrever sobre o que está a sua volta e sobre si mesmo (sem perder a identidade) durante a graduação como catalisador das (auto)experiências e qualificação do olhar crítico reflexivo, investigativo do estudante.



Por isso, a compreensão em momentos de derrota e ganhos no desenvolvimento de novos projetos geram a capacidade de perceber que somos capazes de aceitar que às vezes nem sempre as coisas saem do jeito que queremos e está tudo bem, até porque ninguém é perfeito e nunca será.

A Escrita de Si e o Saber da Experiência: Um Ensaio (Auto)biográfico sobre a Individualização em Letras

A escrita, em um contexto totalmente diferente, por ser uma graduação de Letras, acaba gerando desafios, pois ao longo dos períodos novas descobertas são feitas a partir do conhecimento de outras culturas, de outras perspectivas e áreas do conhecimento. Então, a escrita não apenas registra o que aconteceu, mas organiza o caos da experiência. E isso estabelece um novo aprendizado, nomeando o mundo de outra maneira, e como graduanda em Licenciatura em Letras Espanhol, compreendo que a escrita não se torna isolada, mas um processo de compreender a própria realidade e que a partir disso podemos reescrever as nossas experiências para que faça sentido ao expô-las.

O processo de descoberta do “Yo” (o Eu) transita por uma reformulação identitária ao decorrer das vivências que torna possível a compreensão de quem somos. E ao rever essas concepções se vê que é necessário acontecer mudanças, e no contexto da graduação, ao observar essa realidade é possível ver as transformações sobre uma nova órbita ao passar do tempo. A imaginação proposta por Rosa Montero (2003) se mescla com o inconsciente de Carl Jung (2016). A união entre Jung e Montero é como mergulhar em diálogos emocionantes que trazem contribuições para a psicologia e para a literatura contemporânea. Embora sejam de universos diferentes (um consultório e uma mesa de escrita), ambos se conectam entre si, pois a mente humana não é apenas um depósito de memórias, mas uma base de criatividade ininterrupta. Para os dois, o ato de escrever não é apenas uma profissão ou um simples hobby. Jung, como cientista da alma, mesmo não sendo um crítico literário, analisou profundamente como a criação acontece, como aspectos da inconsciência vão se manifestando e contribuindo para o processo de individuação, para a integração. Montero age como artífice da palavra e aponta o que a escrita permite viver, as vidas que não podemos ter. É na imaginação que saímos de uma biografia limitada a uma expansiva que reconstrói a identidade individual e coletiva.

Ambos veem a escrita como uma ponte entre o eu consciente e o abismo do inconsciente. Ao reconhecer essa fragilidade na escrita a (auto)experiência passa a ter mais autonomia que permite habitar a produção com autenticidade. Para implementar, Michel Foucault (1983) também está inserido nesse processo e diz que escrever sobre si mesmo não é um ato de narcisismo, mas uma técnica de si. Conceituando que esta abordagem serve como uma arma que posso usar contra as pressões externas e que ajuda na transformação da minha verdade. A escolha da primeira pessoa do singular é um aspecto do exercício foucaultiano da subjetivação. Assim, deixo de receber ordem e me faço alguém que produz pensamento. Neste percurso metodológico, Jorge Larrosa Bondía (2002) propõe diferenciar o saber da informação para o da experiência e afirma que isso exige tempo e silêncio para fazer tudo correto. A importância de saber aquilo que nos ‘passa’ e nos ‘toca’ acaba transformando o sentido daquilo que temos conhecimento.

Entre a o saber da experiência e a escrita de si, a investigação entre a literatura reflexiva de Rosa Montero (2003) e a psicologia analítica de Carl Jung (2016), expandindo com o que Michel Foucault relata sobre a escrita de si, entendo/ sinto que o ato de narrar a própria trajetória não se perfaz como um conceito de vaidade, mas como parte da assunção da própria subjetividade. São verdades de mim que posso descobrir ao esculpir a minha voz. E com a aproximação em Jorge Larrosa Bondía (2002), diferente do saber informativo, ao me tornar a primeira pessoa do singular, incito sair do lugar de espectadora passiva para ser uma protagonista do processo de individuação junguiana. Portanto, unir a resistência ética do pensamento individual de Montero pela busca da totalidade do ser de Jung ajuda a validar o cuidado da ética de Foucault e a entrega da experiência de Bondía. E assim o indivíduo entende que não é só um registro estático, mas uma experiência onde o pesquisador habita a sua solidão e seus afetos, encontrando maturidade intelectual para nomear o mundo de outra maneira.

Esse processo de ‘despir-se’ assume uma identidade da primeira pessoa é descrito por Foucault como uma relação do sujeito com o mundo, e sendo complementado por Bondía ao justificar a valorização do tempo e do silêncio no fazer científico, ou seja, o fazer científico só faz sentido se der espaço para a experiência. As sistematizações da experiência seguem por uma investigação fundamentada na produção de artigos e registros produzidos durante a graduação, procurando uma interpretação das recorrências narrativas de forma orgânica e não



mecânica. A análise fundamenta-se na assunção da primeira pessoa do singular, rompendo com a neutralidade tradicional acadêmica para posicionar-me, enquanto graduanda do curso de Letras, no processo de reflexão. Esse método interpretativo respeita os preceitos éticos de citação e autonomia, com foco na interlocução entre memória e imaginação que despe-se de uma identidade técnica para assumir-se um sujeito que permite usar a própria trajetória como objeto e instrumento de análise, transformando o ato de pesquisar em um exercício de autoconhecimento.

As experiências que ainda estão ocorrendo por meio das pesquisas ajudam a avançar a valorização da renovação do conhecimento a partir da continuidade da busca em questionar temáticas que se tornam o eixo central de interesse no que estamos investigando e propondo no estudo. E ao permitir colocar em prática tudo que desenvolvemos e discutimos ao longo das observações, gera potencialização na produção de mais pesquisas e artigos. É algo que pode ser motivo de incentivo em compreender os momentos de altos e baixos habitados na escrita.

A Assunção da Subjetividade e Identidade na Escrita (Auto)biográfica

Ao colocar a experiência em palavras, o estudante-pesquisador distancia-se da vivência imediata para analisar reflexivamente e criticamente os dados obtidos da escrita que revelam a narrativa de si e registros de fatos, em uma reconstrução da identidade acadêmica. A conexão teoria-prática, diferentemente da escrita teórica voltada apenas para a técnica, traz o texto prático como espelho da autobiografia permitindo reconhecer as dificuldades sobre o que está sendo influenciado na coleta de dados e o que precisa ser adaptado. A adoção da primeira pessoa do singular nesta investigação não é apenas uma escolha estilística, mas uma necessidade metodológica que o sujeito implica. Essa escolha encontra-se no conceito de Michel Foucault, que compreende que ao narrar a trajetória da escrita de si deve-se tomar cuidado na técnica de subjetivação. A escrita não é um exercício de memorização, mas uma prática para libertar o sujeito em constituir a organização com a verdade do mundo.

A assunção da primeira pessoa na escrita, assim, permite que o pesquisador consiga se alinhar ao que a escrita é através de Rosa Montero (2003). “Escribir, en fin, es estar habitado por un revoltijo de fantasías, a veces perezosas como las lentas ensoñaciones de una siesta

estival, a veces agitadas y enfebrecidas como el delirio de un loco. La cabeza del novelista marcha por sí sola; está poseída por una suerte de compulsión fabuladora, y eso a veces es un

don y en otras ocasiones es un castigo. (Montero, 2003, p. 12).” Como bem define Rosa Montero, essa prática de pesquisador/narrador assume que sua trajetória está em um emaranhado de fantasia e memória, que ao ser colocada no papel, deixa de ser uma confusão interna para tornar-se uma produção de conhecimento. É nessa compulsão de fabulação que o estudante encontra um meio de ordenar sua existência para interpretar a sua formação.

Ter consciência do autoconhecimento gera um resultado com objetividade reflexiva, percebendo a limitação que o estudante encontra ao expor a subjetividade da sua pesquisa, temendo a desvalorização acadêmica do processo de estudo. Entretanto, o esgotamento mental durante a graduação tem relevância quando não se tem avanço nenhum nas atividades de produção, e isso acaba prejudicando o avanço, criando também pensamentos (auto)destrutivos com a ideia de que não irá conseguir chegar a onde quer por não elaborar mais nada e assim pode chegar a pensar em desistir daquilo que lutou por tanto tempo para conseguir. Assim, o esgotamento mental durante a graduação é algo que faz a produção estagnar e não sair do lugar. Segundo Carl Jung, quando esses pensamentos autodestrutivos emergem, sugerindo a desistência, ocorre uma fragmentação psíquica onde o sujeito não consegue mais enxergar qual o propósito de seguir nessa jornada. Contudo, essa psicologia analítica é justamente o reconhecimento da fragilidade dessas fraquezas que dá ênfase em um possível avanço. Superar essa barreira e voltar a escrever é o momento da realização da individualização, onde pensar que o ‘não conseguir’ é uma etapa necessária para a construção da identidade mais autêntica que finalmente segue em frente.

Assumir a primeira pessoa do singular implica no impacto da própria subjetividade, que não apenas recorda sua trajetória mas permite que a imaginação atue como uma lente interpretativa. “Regresamos así a la imaginación. A esa loca a ratos fascinante y a ratos furiosa que habita en el altillo. Ser novelista es convivir felizmente con la loca de arriba. Es no tener miedo de visitar todos los mundos posibles y algunos imposibles. (Montero, 2003. p. 18).” Investigar a si mesmo é, em última análise, uma forma de não temer visitar esse mundo desconhecido que possivelmente faz parte da formação da memória. Ao integrar essa dimensão imaginativa, a pesquisa (auto)biográfica deixa de ser apenas um relato estático do

passado e passa a aceitar que a criação exige uma rendição diante do desconhecido, ou seja, se o autor tem medo da sua mente, então o texto nascerá morto. Se a pesquisa não tocar o

pesquisador, ela corre o risco de ser mais uma repetição burocrática de teoria. E esse processo garante que a produção faça sentido, primeiro, para quem executa. O ato de investigar deve operar uma transformação no próprio investigador, porque caso contrário, a escrita pode perder a sua magia. Nesse ponto, a pesquisa se aproxima do que Jorge Larrosa Bondía nomeia como o saber da experiência. Faz-se necessária uma pausa silenciosa ao se entregar, assim, ao rejeitar a correria acadêmica, o conhecimento passa a ser uma experiência vivida, que pode ressignificar a identidade de quem escreve, e consequentemente, de quem lê. Dessa forma, propõe-se a fragmentação da produção de etapas, permitindo uma construção textual mais equilibrada e menos desgastante. Ou seja, a prática na humanização do fazer científico é uma forma de ajudar a ir com calma no processo de escrita para torná-la um trabalho bem desenvolvido e elaborado.

A investigação fundamenta-se na interlocução entre a literatura reflexiva de Rosa Montero (2003), que aborda imaginação e a memória como uma das ferramentas primordiais do saber, onde luta na defesa dos seus ideias, com a não conformidade do lugar que é colocada pela a sociedade, além do mais uma obra de grande sucesso sua é *“La Loca de la Casa (2003)”* sendo uma espécie de autobiografia que se destaca bem nesse conceito, pois deixa aspectos de sua experiência de vida (emocional e trabalho) para nos dizer que há certos momentos da vida que tudo pode acontecer e a partir da imaginação seremos capazes de moldar o que já aconteceu conforme o que lembramos e o que adicionamos para deixar mais refinado o que será contado aos outros. Na teoria do Carl Jung, o escritor é um educador da humanidade, pois pode dar voz a conceitos que o mundo esqueceu, e também está presente no (auto)biográfico como um rito de passagem para a individualidade, onde pode-se assumir a autoria da própria história, o que se faz de grande valia no percurso acadêmico. Ou seja, estamos deixando uma parte de nós mesmos naquilo que escrevemos e podemos compreender que isso de certo modo acaba tornando-se nossa própria identidade com o uso de criatividade e originalidade.

Ao investigar Montero, compreendo que minha trajetória também é marcada por aquilo que escrevo, percebo que minha experiência de escrita reflete esse processo de moldar

o que já foi vivido. Sob a ótica de Jung, o sujeito tenta implementar os conteúdos da inconsciência à consciência. Mergulhando no desconhecido da trajetória na pesquisa, transformando a insegurança inicial a um saber integrador, que assume o “Yo” (o Eu), nesta escrita, é portanto, um ato de coragem em habitar novas realidades e conceitos. Escrever esta

pesquisa não é apenas um ato acadêmico, mas um exercício de confrontação no meu interior e exterior, permitindo que minhas memórias e percepções ajam em uma análise teórica. Entendo, assim como Montero, que a minha identidade não é neutra, mas construída pelas minhas escolhas de palavras, é uma coragem de conhecer novas realidades (possíveis e impossíveis) que o tema propõe.

No debió de serle fácil enfrentarse a todos para defender a una pobre familia de apestados. Ir en contra de la corriente general es algo sumamente incómodo. Puede que la mayoría de las miserias morales e intelectuales se cometan por eso: por no contradecir las ideas de tus patronos, de tus vecinos, de tus amigos. Un pensamiento independiente es un lugar solitario y ventoso. (Montero, 2003, p. 36)

Muitas vezes questionamos o que já foi dito, e neste fragmento Montero descreve que o pensamento independente é como um lugar solitário onde a imaginação não é só um refúgio lúdico, mas uma resistência ética. Ao afirmar que a forma de pensar é ‘um lugar solitário e ventoso’, a autora assume a responsabilidade pela própria voz. Em minha experiência nesse estudo, sinto que ao tentar desconstruir esses conceitos rígidos percebo que isso exige coragem para habitar esta solidão, onde ao passar do tempo podemos escolher estar sim ou não nesse desconforto de uma ideia autêntica do que na repetição daquilo que já estamos ciente. Ao reconhecer essa maturidade intelectual, essa “solidão” é uma potência para criar-se o indivíduo, onde na concepção junguiana abandonar a máscara social e acadêmica pode ser o impulso necessário para enfrentar a totalidade do ser.

A escrita proporciona que, ao narrar suas experiências, deixamos de ser meros espectadores da teoria e assim nos tornamos protagonistas do nosso próprio aprendizado. Também pode ser considerada como um meio de salvação, mostrando a escrita científica, uma permeação (auto)biográfica, ajudando a acabar com as inseguranças da formação acadêmica. Conscientizando que o uso da memória é, em parte, uma construção ao longo do tempo. Percebe-se que o estudante reconta a sua trajetória para justificar suas escolhas de pesquisa atual, criando uma narrativa de coerência profissional. Por outro lado, há vantagens tendo o aumento de engajamento e consciência ética que impulsiona a escrita, o que surge um embate

subjetivo. Com temor na imaginação e de que, ao transbordar, desvie do texto científico.

A literatura nos ensina que não devemos temer esse lugar solitário e ventoso. No entanto, ao aceitar esse risco, vemos que é possível superar a frieza da técnica para permitir o

nascimento da autenticidade de que não é apenas uma voz que informa, mas de alguém que habita a própria investigação.

Conclusão

A investigação demonstra que o ato de narrar a trajetória (auto)biográfica atua como um dispositivo fundamental para o autoconhecimento, a partir das próprias ideias na formação que fortalece a autonomia do graduando em Letras Espanhol. Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de um caráter-ensaístico, que permitiu transitar pelo rigor acadêmico e a fluidez da produção da experiência pessoal. O ato de narrar a própria vida integra a interpretação ao rigor científico, que ocorre na produção acadêmica do processo de formação identitária onde a escrita atua como ferramenta de mediação entre a vida acadêmica e a prática vivida. O autoconhecimento favorece uma docência mais reflexiva e humana com o processo de escrita e consolidação da identidade profissional e pessoal do estudante.

Conclui-se que o registro (auto)biográfico promove o diálogo entre a subjetividade do aluno e as exigências da academia com interseção entre memória, imaginação e teoria que qualifica o olhar crítico reflexivo ao mitigar o esgotamento mental ao fazer científico no processo de autoconhecimento na graduação de Espanhol que reflete a busca pela individuação proposta por Jung, enquanto a literatura de Montero valida a escrita como um meio de organizar a experiência humana e profissional. É um trabalho que certamente terá muito valor para outros estudantes de Letras, não apenas de Espanhol.

Referências Bibliográficas

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Espanha: Departamento de linguística, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos:** Ética, sexualidade e política. Organização de Manoel Barros da Motta; tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

JUNG, Carl Gustav (Org.). **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

MONTERO, Rosa. **La Loca de la Casa.** Madrid: Titivillus, 2003.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pedagogia